

MEMÓRIA ESCOLAR EM *BOITEMPO* DE CARLOS DRUMMOND E *VINTÉM DE COBRE* DE CORA CORALINA

Miliana Mariano da SILVA (PG-FL/UFG)¹
Orientadora: Maria de Fátima CRUVINEL (Cepae/FL/UFG)²

RESUMO: Este estudo objetiva refletir sobre a produção literária das obras *Boitempo* e *Vintém de Cobre*, analisando como os poetas Carlos Drummond de Andrade e Cora Coralina retomam o estatuto da escrita da memória como recriação e poetização da trajetória de vida. Desta forma, pretende-se investigar a produção poética desses autores vinculando-a ao contexto histórico retratado nos poemas para melhor compreender o espaço social, especialmente o ambiente escolar vivenciado pelos poetas e transfigurados em seus versos.

Palavras-chave: Memória; Poesia; Carlos Drummond de Andrade; Cora Coralina

Investigar o processo de criação literária vinculado à representação do processo memorialístico é uma abordagem importante e muito recorrente. Somar experiências individuais e coletivas aos relatos da História permite a cada indivíduo conhecer com mais profundidade a sua constituição subjetiva. Acreditando no grande valor da memória como via esclarecedora de muitas trajetórias e circunstâncias de vidas subentendidas, propõe-se a refletir sobre o processo de criação literária, para o qual escrever significa elaborar literariamente experiências vividas.

Nesse estudo será tomado como foco principal *Boitempo* de Carlos Drummond de Andrade e *Vintém de Cobre* de Cora Coralina, em razão da pertinência com a qual celebram a memória para além da mera compreensão consensual de reminiscência. Pretende-se buscar pistas e evidências relacionadas à formação escolar dos poetas, com base nos excertos retirados dessas obras, e para compreender a configuração memorialística realizaremos um diálogo entre as concepções de memória, principalmente, as teorias de Bergson (2006), Halbwachs (2006) e Ecléa Bosi (1994).

¹ Mestranda em Letras e Linguística pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. Email: miliana_mariano@hotmail.com

² Professora do Cepae/UFG e do programa de Mestrado da Faculdade de Letras/UFG. Email: fatimacruvinel@uol.com.br (Orientadora)

Para abordar os aspectos desse estudo optamos por sistematizar a escrita da dissertação em três capítulos, sendo o primeiro dedicado a refletir sobre Memória e História, o segundo, a investigar a história da educação dos estados de Goiás e Minas Gerais contextualizados com algumas obras literárias que recuperam a mesma temática, e o terceiro, designado à análise de poemas de *Boitempo* e *Vintém de Cobre*.

Carlos Drummond de Andrade em seu livro *Boitempo* retrata, em poesia, preciosos testemunhos das relações humanas, momentos de sua infância e adolescência em Itabira, a convivência com a família, sobretudo, com o pai, e a memória escolar, tema sobre o qual o presente estudo se deterá. O mesmo acontece com Cora Coralina no livro *Vintém de Cobre*, em que Aninha, um sujeito ficcional, conduz o leitor, ao longo dos poemas, a enveredar pelo universo de memórias de um tempo passado, instantes divididos com a família, além de reviver a única escola que pouco frequentou, mas que lhe foi tão importante, ao lado de sua única e memorável mestra Silvina, a quem dedica essa obra, conforme se vê evidenciado no fragmento:

À memória da minha grande mestra, Silvina Ermelinda Xavier de Brito – Mestra Silvina – ofereço este livro.
Ofereço estas páginas à minha escola primária, a única escola da minha vida, minha única mestra, sozinha na sua sala de aula, sozinha no seu ministério, tão pobre que eu quisera exaltar em letras de diamante. Foi por esta única escola de uma grande mestra, cinqüenta anos mais velha do que eu, que cheguei à publicação de meus livros e às minhas seguidas noites de autógrafos. (CORALINA, 2001, p. 17)

Anseia-se, pois, observar os indícios de traços autobiográficos em *Vintém de Cobre* e *Boitempo*, e buscar nesses registros imagens de memórias escolares, vivenciadas pelo eu-lírico e que representam a geração da qual os poetas foram contemporâneos, no caso de Cora, Vila Boa de Goyaz, hoje Cidade de Goiás, e de Drummond, os tempos de internato em Belo Horizonte e em Nova Friburgo.

Ao embriagar-se pelos versos de Cora e Drummond o leitor lança-se a conhecer um tempo em que o espaço escolar era permeado por uma exaustiva rigidez e ao mesmo tempo por uma incomensurável magia, onde crianças e jovens se inseriam num mundo de conhecimentos pautado por muita disciplina e descobertas. O passado apresenta-se como o elemento principal com o qual esses

poetas constroem seus versos, trabalhando-os de forma a conjugar memória, história e poesia.

Em *Boitempo* ao retratar seu período escolar, o poeta mineiro mimetiza o instante em que, por vontade dos pais, ingressa no colégio de Belo Horizonte, o que o leva a enfrentar uma nova realidade, regada por muito estudo e disciplina, num ambiente que lhe provoca receio e inquietação. O poeta elabora versos concernentes ao início de sua mocidade, do tempo de seminário, memórias do garoto itabirano que, separado do seio familiar, deixa a doçura do mato e da serra e a sabedoria do universo familiar para em direção ao conhecimento oficial, à “sabedoria do colégio” e de um mundo novo, como se pode constatar no fragmento:

E chega a hora negra de estudar
Hora de viajar
Rumo à sabedoria do colégio.

Além, muito além de mato e serra,
Fica o internato sem doçura.
Risos perguntando, maliciosos
No pátio de recreio, imprevisível.
O colchão diferente.
(...)
(DRUMMOND, 2007, p. 1086)

Nesses versos, há a evidência de um tempo em que as famílias de certo poder aquisitivo mandavam seus filhos para o internato em razão de prosseguirem os estudos. O eu-lírico revela ao leitor o momento em que já adolescente se sente obrigado a abandonar sua terra natal, a deixar o aconchego do convívio em família e a lançar-se a novas experiências a serem vividas num universo talvez não tão acolhedor e confortável quanto o oportunizado no caloroso seio familiar. A conotação negativa do universo escolar pode-se depreender na metáfora que dá início ao poema “hora negra de estudar” e na expressão “colchão diferente”, que pode igualmente conotar a atmosfera do desconhecido.

Já em *Vintém de Cobre* nosso recorte recai na categoria da infância, que retrata o caminho percorrido pelo sujeito poético, Aninha, em busca dos seus primeiros contatos com as letras:

Quanto daria por um daqueles velhos bancos onde se sentava,
A cartinha do ‘ABC’ nas minhas mãos de cinco anos, quanto daria

Por aqueles velhos livros de Abílio Cezar Borges, Barão de Macaúbas
E aquelas Máximas de Marquês de Maracá, aquela enfadonha taboada
Do Trajano, custosa demais para meu entendimento de menina,
Mal amada e mal alimentada...
Meus vinténs perdidos, tão vivos na memória...
(CORALINA, 2001, p. 52)

Nesses versos evidencia-se o reconhecimento e o saudosismo do eu-lírico, o qual transporta-se aos tempos da escola, descrevendo seus primeiros contatos com os livros, momentos únicos vivenciados por Aninha e tão latentes na memória de Coralina.

Nosso estudo terá como sustentação a análise do processo memorialístico presente nos poemas de Cora e Drummond, observando a recriação de lembranças como componente de interpretação do passado, em que as experiências vividas se tornam um valiosíssimo tesouro para compreender a essência de vida tanto dos poetas quanto de milhares de pessoas pertencentes à mesma geração.

A todo instante a recordação surge na vida de cada ser humano, sendo a memória um ilimitado depósito de imagens pretéritas, as quais são permeadas por experiências particulares e coletivas, pois ao rememorarmos atingimos uma apreciação de nossa própria existência e simultaneamente dos ambientes sociais que vivenciamos. Por mais que uma experiência nos pareça única, interligada a circunstâncias vividas isoladas do contato com o próximo, ao recuperarmos esses momentos por meio de lembranças, ocorre à necessidade de ativar códigos sociais responsáveis por comandar nossa inteligência.

Para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. mas do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente. (HALBWACHS, 2006, p. 72)

A memória em sua ampla potencialidade incita o homem mergulhar no seu passado, em que memórias particulares fundem-se a memórias coletivas, configurando-se como possíveis fontes para produção do conhecimento histórico. Para compreendermos os fatos selecionados e armazenados em nossa memória, necessitamos refletir sobre nosso presente, uma vez que nossas ações atuais nos

auxiliam a entendermos as experiências antigas. Assim, todo ser humano em algum momento da vida propõe-se a rever o caminhar de sua existência, elencar fatos e situações nostálgicas, exercitando a memória na iminência de reconstruir e avaliar a sua própria história.

É por meio da memória que cada indivíduo apresenta-se apto a reconstruir e perpetuar momentos ímpares ou banais, mas latentes em suas lembranças, os quais mesmo distantes em uma linha de tempo projetam-se ao presente influenciando-o na constituição de sua identidade e de seu papel na sociedade. Logo, é relevante observar em que medida as práticas escolares se refletem na constituição do ser da criação poética de Cora e Drummond, analisando como a poesia se transforma num poderoso artifício de materialização do processo memorialístico, em que o ressurgir da lembrança permite o reencontro dos poetas com o tempo pretérito.

Referências:

ANDRADE, Carlos Drummond. Boitempo. In: *Poesia Completa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

BERGON, Henry. *Matéria e Memória*: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução de Paulo Neves. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*: lembrança de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CORALINA, Cora. *Vintém de Cobre*: Meias confissões de Aninha. 7. ed. São Paulo: Global, 2001.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2006.